

PORTFOLIO >>> DANIELLE FONSECA



É preciso aprender a ficar submerso
Duração: 2'42"
2009

O DESTINO DA PALAVRA É TORNAR-SE ÁGUA

ÁGUA! ÁGUA!

- Água, gritava João Donato, entre uma nota e outra de seu piano, em seus shows. Água! Disse-me ele um dia, agora todo mundo que passa aqui na frente de casa, grita - Água, como um grito de alerta pra chamar minha atenção! - Acho um barato! João, cantor e compositor nascido no Acre, Amazônia, precursor da bossa nova, dizia ninguém vive sem música e água. E quem sou eu pra contrariar, aceitei esse fluxo em meus trabalhos desde o início nas pesquisas em videoarte. Uma memória de infância que se mistura com uma canção, um assobio, um lugar comum. Nossos passos fazem jorrar a sede, é o trecho de um poema do poeta Edmond Jabés, traduzido por Max Martins, Jabés nasceu no Cairo, Egito, em 1912, exilado na França, em 1957, mas, sua referência ao deserto e sua sede em falar sobre vida e suas raízes estão em vários de seus poemas "Sempre a água pela água. Sempre água sobre água. Abundância.- O deserto foi minha terra. O deserto é minha viagem, minha errância... Nossos passos fazem jorrar a sede. Ausência. - Água do lago? - Água do rio? - Água do mar?". O videoarte onde carrego uma caixa de correspondências com a placa gravada em aço Palavra e Água é minha carta à Jabés, um diálogo cheio de sede pra tentar entender essa troca entre literatura e arte, e da certeza de que o poeta dos desertos gostaria muito da poesia de Alberto Pucheu.

[Corte para o próximo vídeo]

É preciso aprender a ficar submerso tornou-se um poema-mantra pra mim, uma surpresa tão grande, que talvez eu não explique os dois minutos e quarenta e três segundos que marcam o vídeo. Esse vídeo é um trecho do filme A Vaga, média metragem, que realizei em 2010. Porém, a poesia tem às vezes vontade própria, e o devir-criança presente nesse vídeo é um erê brincalhão que só sai da água quando os dedinhos das mãos estão enrugados, cheios de água. Mesmo que pra isso tome alguns caldos, vacas, saia cansado com os pulmões encharcados. Pucheu me contou um dia que esse vídeo levou o poema dele com tanta vontade própria, que fez o próprio poeta mudar o título original que se chamou um dia "O dia em que Gottfried Been pegou onda". Cheguei até a pedir desculpas mentais ao poeta alemão que dava nome ao poema original, "foi mal Gottfried, a água venceu, e sabes bem, com água não se luta, flutua-se". Aprender a ficar submerso é sobre o surf, e é também sobre a arte, filosofia, vida.

Em 2022 Alberto Pucheu e Tarso de Melo lançaram o livro Um mergulho e seu avesso, nele há um ensaio e dois poemas, o próprio É preciso aprender a ficar submerso e "É chegado o tempo de voltar à superfície", poema que nos traz de volta à tona, apesar dos pulmões encharcados, das veias explodidas, é hora de voltar a respirar, de um certo alívio, e quem sabe um pouco de esperança. Mas jamais sem água. Traga-me um copo d'água tenho sede, canta Gilberto Gil e isso é tão sério que nem cabe sorriso na letra da canção.

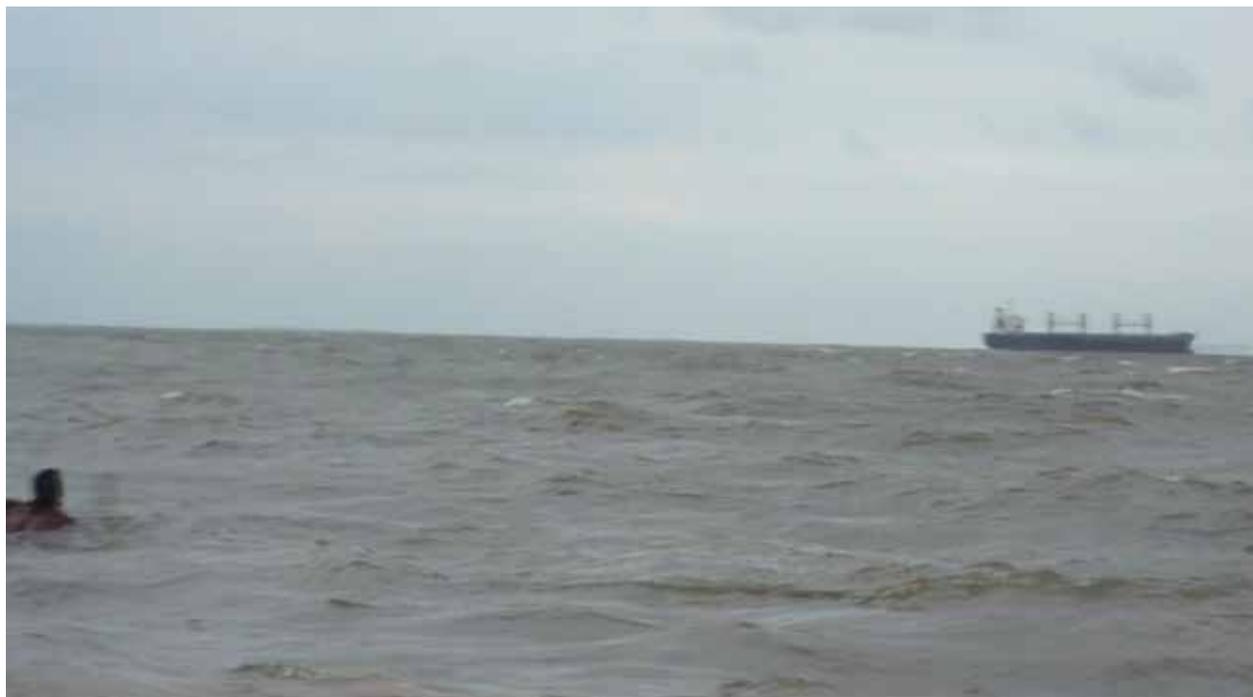
[Corte para um clarão inesperado, um raio talvez, antes da chuva, que também é água]

Um céu partido ao meio.

Em 2022 completou 100 anos da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em 1922. Recebi um convite do curador Raphael Fonseca para realizar um filme que falasse sobre o estilo arquitetônico do Raio-que-o-parta, estilo de arquitetura popular surgido no Estado do Pará entre as décadas de 50 e 60, onde os tais caquinhos de azulejos coloridos fazem parte das fachadas e platibandas de algumas casas no Pará, principalmente em Belém. O filme traz além das casas e seus moradores, mostra ainda por trás dos raios, terreiros de matriz africana. O documentário foi comissionado para a exposição Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil que refletiu sobre a noção de “arte moderna” no Brasil para além da década de 1920 e do protagonismo muitas vezes atribuído pela história da arte a São Paulo. E onde tem água nisso? Nas nuvens de chumbo que anunciam a chegada da senhora dos raios, que no meu imaginário tanto pode ser Iansã, quanto Maria Bethânia.

- Água!

Danielle Fonseca



É preciso aprender a ficar submerso
Duração: 2'42"
2009



O vídeo "É Preciso aprender a ficar submerso" é baseado no poema de mesmo nome do escritor Alberto Pucheu, aliás o próprio Alberto fez a narração do vídeo durante a produção do filme "A Vaga". Neste vídeo a criança ou o devir-criança tenta aprender a surfar e sem saber que está sendo filmada, me faz refletir a respeito de arte, vida, literatura e filosofia. Aprender a ficar submerso por algum tempo é tanto para o surf quanto para as artes e, porque não, para a vida, um ato de co-habitar um território de reflexão, de transição, de enfrentamento. Participou de Exposições e Festivais: Projeto Amazonian Video Art no Centre for Contemporary Arts (Glasgow; Escócia, 2016); "Brasil: Ficções" Espaço Tangente (Burgos, Espanha, 2016); Exposição de Videoarte "Brasil: Ficções" no Armazém do Chá (Porto-Portugal); Exposição 'Amazônia Lugar da Experiência' (Belém, Pará, Brasil); Ciclo de Cinema e Vídeo DESLIZE (Museu de Arte do Rio-MAR-RJ).

É preciso aprender a ficar submerso
Duração: 2'42"
2009



A dobra somos nós
Duração: 40"
2011



A dobra somos nós
Duração: 40"
2011



O Tao caminho
Duração: 7'32"
2005



Videoarte inspirada no livro "Caminho de Marahú" (1983) do poeta Max Martins. É parte do resultado da Bolsa de Pesquisa, Experimentação e Criação do Instituto de Artes do Pará (IAP) - 2005. As músicas são do grupo UAKTI, Cid Campos e Augusto de Campos.

O Tao caminho
Duração: 7'32"
2005



Rumo ao Farol
Duração: 9'26"
2007



Rumo ao Farol
Duração: 9'26"
2007



Como um romance de Virginia Woolf desaguaria nas águas do rio Pará, sem perder seu estilo e forma? No que se assemelham os faróis e ilhas de continentes tão geograficamente distantes e diferentes? Em literatura, Tempo e Espaço muitas vezes são elementos apenas de construção, assim como na criação de uma obra de arte, o que tornam palavras e imagens elementos de caráter universal, atemporais. Acreditando nisso a artista visual Danielle Fonseca realizou o vídeo "Rumo ao Farol" de 10 minutos, premiado com uma Bolsa de Pesquisa em Arte da Fundação Ipiranga, uma tradução-criação da trama deste livro, o vídeo foi dividido em três cenas, as mesmas do livro: A Janela, O Tempo Passa e O Farol, que por ser uma leitura que proporciona grande concretude visual e clareza, livre de erudições e pedantismos, o vídeo foi composto de imagens e aglomerações simbólicas, que vão desde a narração (off) feita pela tradutora oficial de Virginia no Brasil, a escritora carioca, Luiza Lobo, até a música minimalista de John Cage. Este livro é considerado "o mais visionário e formalmente perfeito de seus romances-poemas", e ainda mais, diz a artista "apesar de simples não são apenas meras decorações". Tudo isso se passa no Farol do Espadarte em Mosqueiro, que foi cenário natural para o vídeo "Rumo ao Farol". Segundo uma carta escrita por Virginia para seu amigo Roger Fry, ela diz que o Farol é mais do que isso, do que simples metáfora de alguma coisa "não sei lidar com símbolos, exceto dessa maneira vaga".

Rumo ao Farol
Duração: 9'26"
2007

M A N I F E S T O DADAMAX

Escrevo aqui um manifesto e tudo quero. Quero um furo no meio de todo muro. Todo muro é acima de tudo um elemento antipoesia. Quero um furo no meio de todo muro que haja no Caminho de Marahú. Logo lá! No Caminho de Marahú. Quero aqui fulminar contra 1,2,3, me enervar e aguçar minhas e quem sabe suas asas (tu que me lês), para assinar, gritar e jurar, como fez Tristan Tzara em 1918. Hoje, 2018. E DADÁ continua não significando nada. Para a fotografia, DADÁ também não deve significar nada. Manifesto aqui para A,B,C que naquela praia, naquela ilha por onde andaram Max Martins, Michel Foucault, Benedito Nunes, ninguém há de emurecer. Emurecer é a palavra mais feia já inventada. E tudo foi registrado em fotografias. E tudo será agora colado e ainda será fotografia. Nesse manifesto DADAMax fica decidido que nenhum muro deve conter nem os passos nem a poesia de ninguém. Poesia significa nada. Não para quem constrói muros. Quem surfa não constrói muros. Quem escreve não constrói muros. Termino aqui esse manifesto e tudo quero. DADAqui por diante está liberado o Caminho de Marahú. Talvez seja de bom tom saber de cor-e-salteado os poemas do livro quadrado, onde a foto do Miguel Chikaoka virou uma gravura de papel. DADAdas as circunstâncias vocês deverão aprender a fazer seu próprio cajado e garantir que tudo seja devidamente fotografado. Já que eu não posso garantir nada. DADÁ não significa NADA. Nem muro.

Danielle Fonseca
Belém, Março de 2018.



Manifesto D A D A M A X
Duração: 3'38"
2018



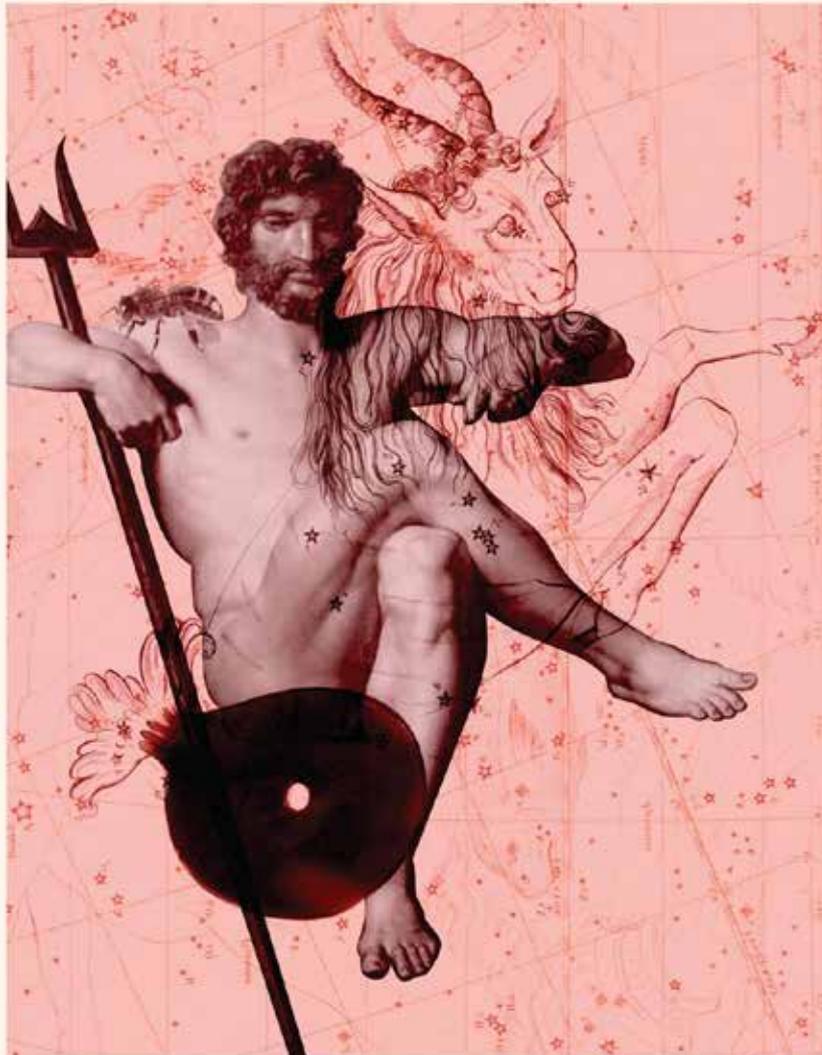
O Videopoema MANIFESTO DADAMAX foi feito para a Praia do Marahú (Mosqueiro-PA), sua poética e sua situação atual, onde um muro de arrimo está sendo construído, a pergunta feita é: Pode um muro ser erguido nos caminhos da poesia? Nos caminhos por onde o poeta Max Martins caminhou e escreveu parte de sua obra? O texto que dá início a este trabalho, o Manifesto DADAMAX, faz referência ao Manifesto DADAÍSTA, escrito por Tristan Tzara em 1918, assim como esse, o manifesto feito para Max Martins e a Praia do Marahú vem para questionar, instigar e provocar através da poesia. O texto é de Danielle Fonseca e a voz que interpreta a leitura é da cantora e professora Andrea Cavalcante.

Manifesto D A D A M A X
Duração: 3'38"
2018



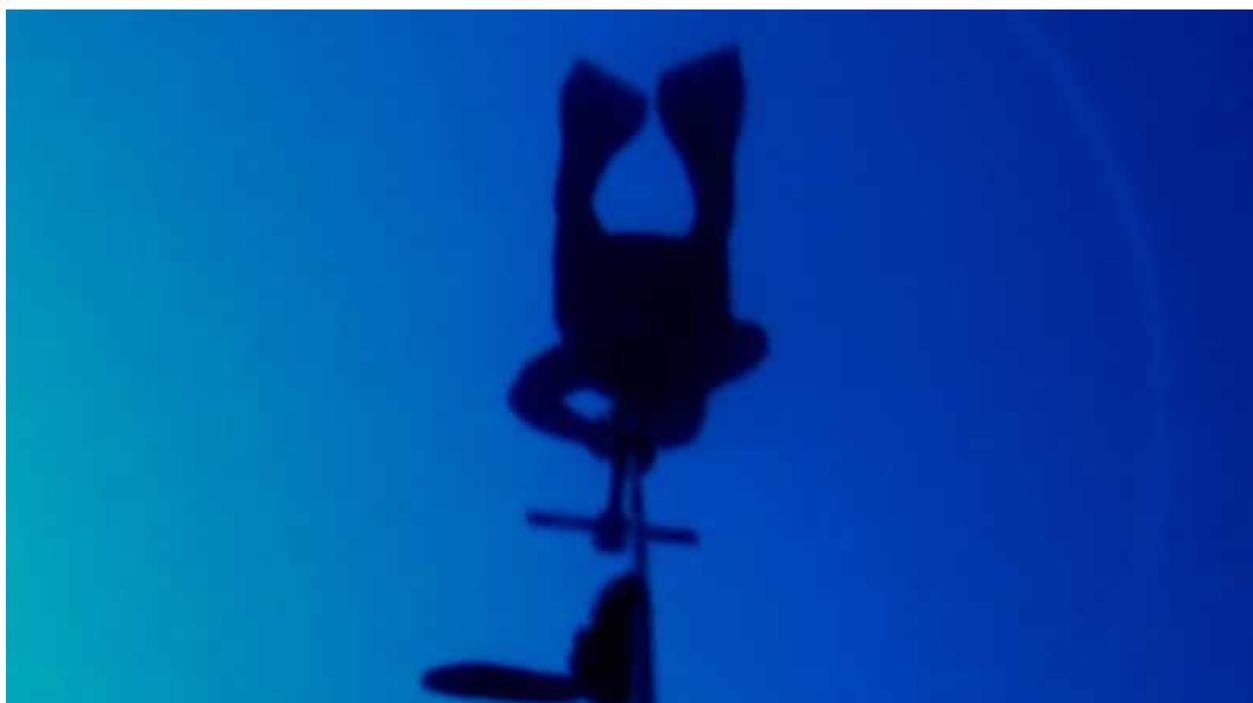
Posseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos
Direção e roteiro: Danielle Fonseca Imagens: Keyla Sobral, Karoline Meyer,
Fabrício Lima
Edição: Marcelo Rodrigues
Resultado do Prêmio de Produção e Difusão Artística 2016 da Fundação
Cultural do Pará
Duração: 11'58"
2017

PÉRICLES CAVALCANTI JARDS MACALÉ KAROLINE MEYER
BENJAMIN MAGALHÃES FABRÍCIO LIMA



POSSEIDON É CABRA, ABELHA
E O MOVIMENTO DOS BARCOS
UM FILME DE DANIELLE FONSECA

Posseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos
Direção e roteiro: Danielle Fonseca Imagens: Keyla Sobral, Karoline Meyer,
Fabrício Lima
Edição: Marcelo Rodrigues
Resultado do Prêmio de Produção e Difusão Artística 2016 da Fundação
Cultural do Pará
Duração: 11'58"
2017



Posseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos
Direção e roteiro: Danielle Fonseca Imagens: Keyla Sobral, Karoline Meyer,
Fabrício Lima
Edição: Marcelo Rodrigues
Resultado do Prêmio de Produção e Difusão Artística 2016 da Fundação
Cultural do Pará
Duração: 11'58"
2017

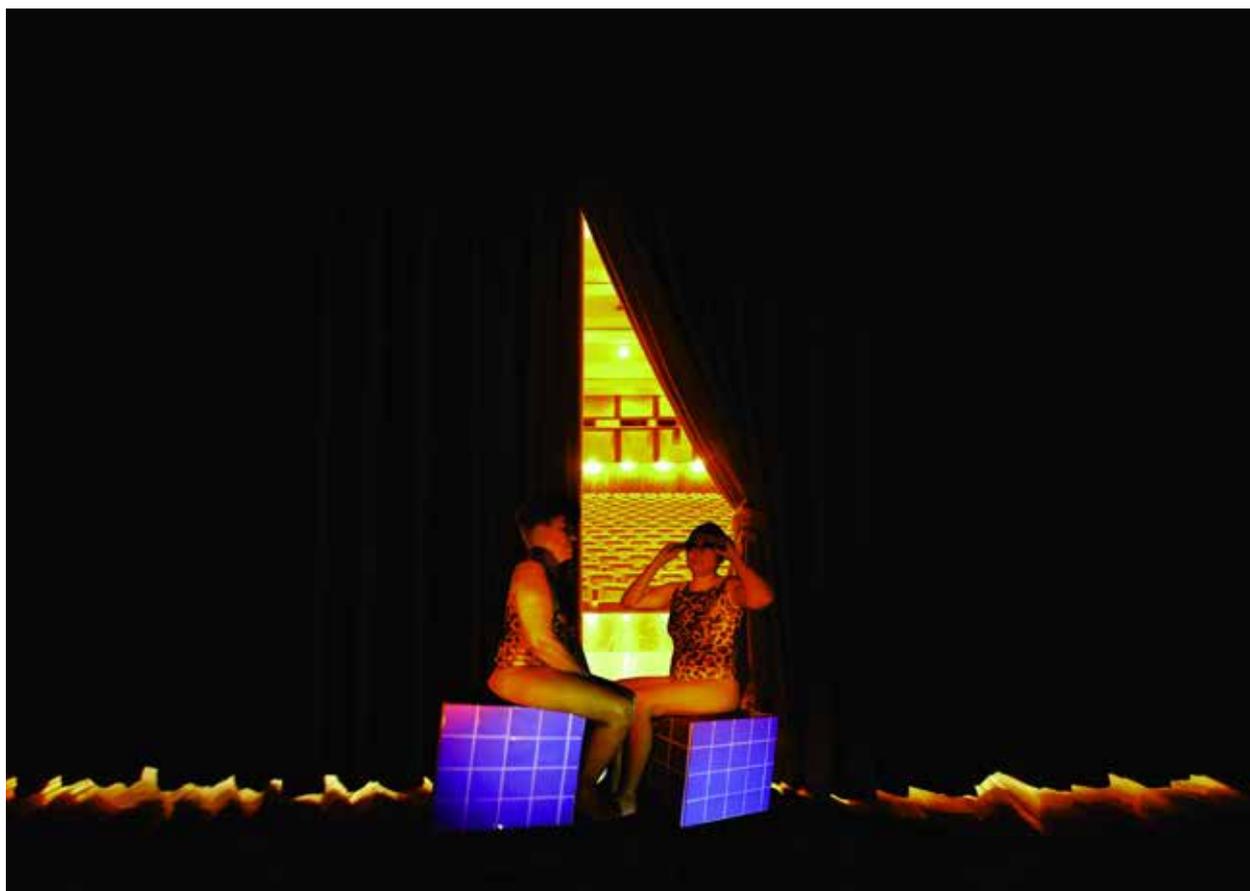


Dirigido e escrito pela artista visual Danielle Fonseca este videoarte em formato de curta metragem apresenta quatro atos/metáforas da ideia de divindade dos mares e oceanos. São apresentadas de maneira quase surreal, quase metáfora, quase sonho. Com imagens de saltos tão naturais quanto mortais ao mar, de apneia a 100 metros, de alguém que escala um resto de uma ponte de pedras (feito cabra do mar ou capricórnio), de um surfista que carrega no peito a imagem do LP Mel de Maria Bethânia, tudo isso narrado através de conversas com o compositor Péricles Cavalcanti, a campeã mundial de apneia Karoline Meyer e um poema lido por Jards Macalé. "Toda respiração propõe também um reino" (René Char).

Posseidon é Cabra, Abelha e o Movimento dos Barcos
Direção e roteiro: Danielle Fonseca Imagens: Keyla Sobral, Karoline Meyer,
Fabrício Lima
Edição: Marcelo Rodrigues
Resultado do Prêmio de Produção e Difusão Artística 2016 da Fundação
Cultural do Pará
Duração: 11'58"
2017



A dama do mar não sente ciúmes
Duração: 5'31"
2020



"A Dama do mar não sente ciúmes". O vídeo da artista visual, Danielle Fonseca faz parte de um conjunto de obras, entre fotografias e esculturas do Prêmio de Produção e Difusão Artística de 2019 da Fundação Cultural do Pará. O vídeo foi finalizado em Julho de 2020. O texto do vídeo foi escrito pela artista em 2016, baseado em um texto do dramaturgo Henrik Ibsen "The Lady from the Sea" que teve adaptação de Susan Sontag. O "A Dama do mar não sente ciúmes" de Danielle passou de uma linguagem escrita para ser representado, na mostra, por meio de esculturas, fotografias e de uma instalação sonora, e agora o vídeo que inclui uma leitura na voz da cantora e atriz Cida Moreira. Sobre isto, Danielle comenta: "A voz de Cida Moreira veio como uma luva, um brinde a este texto, ela fez uma leitura brilhante, como tudo que faz. O canto mágico da sereia", e a artista ainda explicou: "Neste trabalho falo um pouco de memórias, minha relação com a água, o mar e o teatro".

A dama do mar não sente ciúmes
Duração: 5'31"
2020



A dama do mar não sente ciúmes
Duração: 5'31"
2020



A dama do mar não sente ciúmes
Duração: 5'31"
2020



Nossos passos fazem jorrar a sede
Duração: 2'55"
2009



Nossos passos fazem jorrar a sede
Duração: 2'55"
2009



Videoarte parte da pesquisa "O Destino da Palavra é Tornar-se Água" (2009) livre inspiração no poema "Água" de Edmond Jabés (Cairo, Egito,1912-Paris,1991) "A areia brilha como a água na sede inextinguível".

Nossos passos fazem jorrar a sede
Duração: 2'55"
2009

SOU RAIO-QUE-O-PARTA

Sou raio-que-o-parta

Sou pássaro trovejante

Cacos partidos em mil cores pelas ruas do Umarizal

O raio de iansã pariu o verbo e o verso que ecoa de minha voz

Cada caco desse despedaçado

Foi quem me fez ser o que sou

Portanto, não me venha falar de prudência

Sou o tal risinho modernista arranhado na garganta

Sou batuque

Sou marimbondo no teu corpo, sinhá

Fui eu que rabeiei Mário de Andrade na praia do chapéu virado

Sou o escapulário feito de palha da Costa e figa da Guiné

Vem vambora segurar na mão invisível de Oswald de Andrade

E rezar em três línguas, e devorar essas línguas num assado de
panela:

Na Amazônia de cada dia

Dai-nos, senhor!

a poesia de cada dia

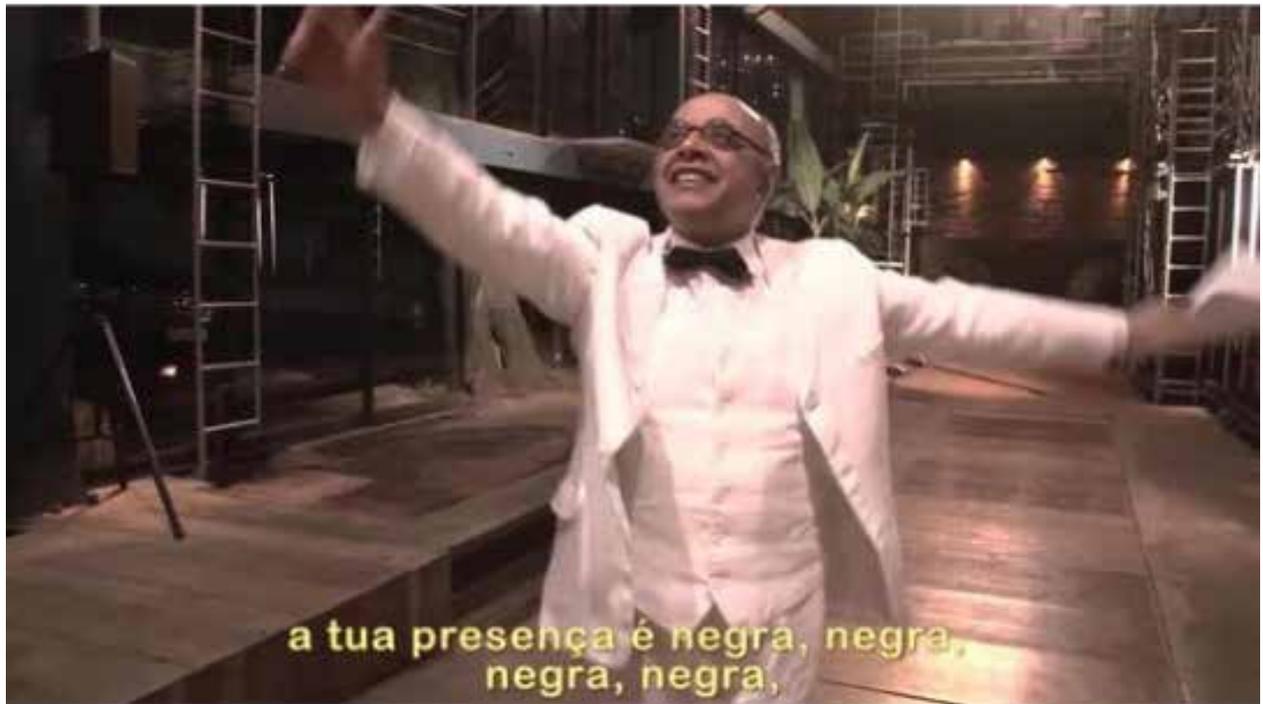
Poema faz parte do filme "Um céu partido ao meio" de Danielle Fonseca



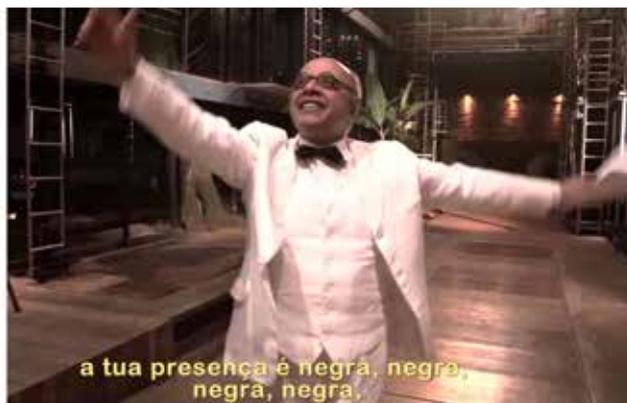
Um céu partido ao meio
 Direção e Roteiro: Danielle Fonseca
 Fotografia e Câmera (Belém): Marcelo Rodrigues
 Atuação: Pascoal da Conceição
 Fotografia e Câmera (São Paulo): Igor Marotti
 Percussão: Ito Alves
 Narração: Cida Moreira e Bárbara da Fonseca Palha
 Duração: 16'32"
 2023



Um céu partido ao meio
Direção e Roteiro: Danielle Fonseca
Fotografia e Câmera (Belém): Marcelo Rodrigues
Atuação: Pascoal da Conceição
Fotografia e Câmera (São Paulo): Igor Marotti
Percussão: Ito Alves
Narração: Cida Moreira e Bárbara da Fonseca Palha
Duração: 16'32"
2023



Um céu partido ao meio
Direção e Roteiro: Danielle Fonseca
Fotografia e Câmera (Belém): Marcelo Rodrigues
Atuação: Pascoal da Conceição
Fotografia e Câmera (São Paulo): Igor Marotti
Percussão: Ito Alves
Narração: Cida Moreira e Bárbara da Fonseca Palha
Duração: 16'32"
2023



Um céu partido ao meio
Direção e Roteiro: Danielle Fonseca
Fotografia e Câmera (Belém): Marcelo Rodrigues
Atuação: Pascoal da Conceição
Fotografia e Câmera (São Paulo): Igor Marotti
Percussão: Ito Alves
Narração: Cida Moreira e Bárbara da Fonseca Palha
Duração: 16'32"
2023



Um céu partido ao meio
Direção e Roteiro: Danielle Fonseca
Fotografia e Câmera (Belém): Marcelo Rodrigues
Atuação: Pascoal da Conceição
Fotografia e Câmera (São Paulo): Igor Marotti
Percussão: Ito Alves
Narração: Cida Moreira e Bárbara da Fonseca Palha
Duração: 16'32"
2023



Um céu partido ao meio
Direção e Roteiro: Danielle Fonseca
Fotografia e Câmera (Belém): Marcelo Rodrigues
Atuação: Pascoal da Conceição
Fotografia e Câmera (São Paulo): Igor Marotti
Percussão: Ito Alves
Narração: Cida Moreira e Bárbara da Fonseca Palha
Duração: 16'32"
2023

SURF É PENSAMENTO.

“O mar e seu alfabeto sem língua, sem linguagem ou gramática, é pura intensidade marcada por uma estética do efêmero, da qual o surfe é uma perfeita ilustração”

Daniel Lins in: Deleuze: O surfista da imanência

“As ondas concentravam-se, curvavam os dorsos e quebravam. Pedras e cascalhos espirravam no ar... As ondas já não visitavam as poças mais distantes, nem atingiam a linha preta e salpicada, irregularmente demarcada na praia.”, as palavras do livro ‘As Ondas’ da escritora inglesa Virginia Woolf já me levavam a uma entrega literária e de certa maneira vez ou outra me fazia pensar na minha relação com a praia, o mar, as ondas e o surf. Mas, após ler o texto ‘Deleuze: O surfista da imanência’ do filósofo Daniel Lins, percebi que o surf pertencia a outro campo, além dos esportes, o campo do pensamento. Mas, como discutir a relação entre a arte contemporânea, a filosofia e o surf, sem fazer a tão comum apologia de uma prática radical, de apenas tratá-lo como esporte de aventura? Tratá-lo nesse campo era abrir mão da estética do extremo e do efêmero que alguns esportes inspiram.

Comecei a surfar com 14 anos de idade e o primeiro elemento que me motivou a isso não foi o mar. Foi uma imagem de uma capa de revista, uma foto. Sou natural de um lugar que não tem mar como paisagem principal, mas tem os maiores braços de rio do mundo, a Amazônia. Aquele azul salgado entre o secreto e o inalcançável não pertencia a meu dia-a-dia.

Todo surf que pude conceber ou praticar durante um bom tempo, foi meramente teórico, e quando comecei a ir às praias com uma morey boogie amarela debaixo dos braços em busca da tal onda perfeita, me deparei com um rio que - de 12 em 12 horas- dependendo do vento, da entrada de correntes marítimas, fazia as minhas tão sonhadas ondas.

Portanto, comprovo mais uma frase de Gilles Deleuze “O surfista pensa o que faz”. Antes de continuar vale entender como, ou melhor, quem começou a inserir o filósofo francês no mundo do surf. Em meados de 1987/1988 um surfista e estudante de filosofia chamado Gibus de Soultrait, procura o filósofo Gilles Deleuze após ter notícias de seu Abecedário, neste o filósofo francês falava sobre uma certa ‘teoria das dobras’ (muito estudada em artes visuais). Surge desde aí uma correspondência entre um surfista e um filósofo. “Quando se pensa no homem que viveu [no final de sua vida] isolado em seu apartamento em Paris, por causa de uma saúde deficiente, é de se admirar que ele tenha percebido com tanta clareza o eco de nossas ondas e nosso modo de se deixar tomar por elas surfando. A isso também, nós surfistas, não poderíamos ficar indiferentes”, disse Gibus. Essa abertura da filosofia, à nossa prática do oceano, por um de seus grandes mestres do século XX, era a prova de uma juventude e de uma acuidade com o exterior, raras. Foi então, que nos apressamos, entramos em contato com Deleuze, através de nosso editor... e, para nossa surpresa, à nossa simples solicitação de que nos honrasse com algumas linhas para nossa revista, ele respondeu”, não com uma recusa, mas com a vontade de conhecer o surf.

Aproveitando a ocasião, os surfistas o convidaram a participar da festa "A Noite do Escorrego", no célebre cinema Rex de Paris. "Trazer esse filósofo tão delicado e discreto para tamanha bagunça, encontro de escorregadores frenéticos, tinha algo de extraordinário, inédito". O filósofo, enfermo, cansado foi, discretamente, à "Noite do Escorrego" ou "La nuit de la glisse". Alguns dias depois, os surfistas receberam uma mensagem de Gilles Deleuze:

"Obrigado por vossa delicadeza. Fui ao Rex, o público jovem despertou uma mistura de angústia (leve) e de jubilação, mas, sobretudo, os filmes me impressionaram muito. Há ali, evidentemente, uma combinação matéria-movimento muito nova. Mas também uma outra maneira de pensar. Estou certo de que a filosofia é concernida pelo surf"

SOULTRAIT, Gibus de. In: Surfer's Journal, Paris, dez. 1995.

Na verdade Gilles Deleuze apareceu na vida de Gibus em 1975, antes de embarcar em suas viagens, sozinho, pedindo carona em barcos ao redor do mundo. Foi ouvindo um disco de um grupo revolucionário de rock chamado Heldon (Richard Pinhas) que "ouvi pela primeira vez Deleuze recitando 'O viajante' ou 'O andarilho' de Nietzsche", contou Gibus num texto que foi publicado recentemente na revista Philosophie Magazine na França.

Mas afinal, uma correspondência é uma troca ou uma contrapartida? 'Tecer encontros' é isso que me diz Gibus num texto enviado por e-mail no início de junho de 2012. Pois é, agora sou eu quem troca cartas (eletrônicas) com o – atualmente - editor da revista francesa Surf Session, (desde 2010), ano que iniciei a pesquisa "As Ondas: Um encontro de escorrego entre arte e surf". Encontrar Gibus de Soultrait (isso inclui horas de busca virtual), escrever para ele e finalmente conversar via skype com ajuda de um amigo tradutor foi de certa maneira repetir (o que parafraseei de um filme) 'the path of the modern gypsy' ou a trilha de um cigano moderno.

Na verdade acredito estar em busca de um caminho onde possa apresentar o surf como uma expressão de singularidade artística de tal maneira que ele fique próximo da arte ou do pensamento artístico. Surfista é criar movimento. Arte é criação. Podemos encontrar entre o surf e a arte contemporânea certa performance no comportamento, pois assim como na dança, convenhamos "o surfista é um equilibrista dançarino de uma cena líquida".

Há também, como disse o filósofo Daniel Lins o "trabalho, a técnica, o treino, a escuta do corpo, da onda e alianças desses dois elementos nutrem a sensação do surf-imagem-movimento, inserido numa filosofia vitalista, a imanência, uma vida". Falo de vida, pois acredito que, como disse o filósofo Benedito Nunes: "os dois movimentos, o natural, inerente às coisas, e o prático, próprio da arte, saem da mesma fonte".

Em seu célebre Abecedário, Gilles Deleuze contou:

"Tive uma experiência, os dobradores de papéis chegam e dizem: a dobra somos nós. Os outros, que me enviaram o mesmo tipo de carta, é incrível, foram os surfistas. À primeira vista não há relação alguma com os dobradores de papéis. Os surfistas dizem: "concordamos totalmente, pois, o que fazemos? Estamos sempre nos insinuando nas dobras da natureza. Para nós, a natureza é um conjunto de dobras móveis. Nós nos insinuamos na dobra da onda, habitar a dobra da onda é a nossa tarefa. Habitar a dobra da onda e, com efeito, eles falam disso de modo admirável. Eles pensam, não se contentam em surfar, eles pensam o que fazem. Tive um encontro com o surfe, literalmente, saí da filosofia pela filosofia, é isso um encontro".

O surfista, ao contrário do nadador, dispõe de um material extra-humano: a prancha e a força motora extracorporal, isto é, a vaga. As vagas, diria Manoel de Barros, não servem para nada, só para poesia, artes, cinema e, porque não, para surfar. Seríamos nós artistas, surfistas da imanência?

Danielle Fonseca, 1975. Vive e trabalha em Belém, PA.



A vaga
Duração: 35'
2015



A vaga
Duração: 35'
2015

Danielle Fonseca

Artista Visual e Escritora; sua poética é composta a partir de elementos da literatura, poesia, filosofia, de música e da paisagem. Participa de exposições, projetos artísticos e literários. Em 2022 realizou o filme "Um céu partido ao meio" (16'33) que participou da exposição Raio-que-o-parta: Ficções do moderno no Brasil (SESC 24 DE MAIO/SP); Selecionado para Mostra Competitiva do Amazônia FiDoc 2022; Selecionado para o 30º Festival de Cinema de Vitória; Selecionado para a Mostra Sesc de CINEMA 2023; Selecionado para o Festival de TV e Cinema de Muqui (ES) e Premiado na categoria Mostra Nacional de TV. Obras em Acervos: Museu de Arte Contemporânea Casa das Onze Janelas -Belém/PA; Museu de Arte de Belém (MABE) -Belém/PA; Museu de Arte do Rio (MAR) -Rio de Janeiro/RJ; Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) -Curitiba/PR; Museu de Artes Plásticas de Anápolis - Anápolis/GO; Fundação Rômulo Maiorana - Belém/PA; Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) -Porto Alegre/RS. Exposições Individuais: "A Dama do mar não sente ciúmes, Casa das Artes, Belém/PA, 2020"; "Os Flutuantes: da narrativa às esculturas para a paisagem", Kamara Kó Galeria -Belém/PA, 2017; "Nossos passos fazem jorrar a sede", Centro Cultural São Paulo -São Paulo/SP, 2015; "Contraia os olhos: subitamente o ar parece estar mais salgado", Kamara Kó Galeria -Belém/PA, 2013. Exposições Coletivas: Projeto de Intervenção ARTEPRAIA 2023 (Fortaleza-CE); Exposição "Raio-que-o-parta: Ficções do moderno no Brasil", Sesc 24 de Maio, São Paulo, 2022 ; Exposição "Afetos Múltiplos", Galerias Benedito Nunes e Theodoro Braga - Belém/2022; "Salão de Pequenos Formatos de Britânia (GO), 2020"; "FOTO PRÓRIO 2020", Rio de Janeiro, 2020"; "VAIVÉM", Centro Cultural Banco do Brasil -São Paulo/SP, Brasília/DF, Rio de Janeiro/RJ e Belo Horizonte/MG, 2019/2020; Salão Anapolino de Arte -Anápolis/GO, 2019; "Porta de Banheiro", Centro Cultural São Paulo -São Paulo/SP, 2018; "Entre Acervos. Arte Contemporâneo brasileiro", Centro Cultural Rector Ricardo Rojas - Buenos Aires/Argentina, 2018; "Entre Acervos", Palácio das Artes -Belo Horizonte/MG, 2018; "Do Ponto ao Pixel", MABEU -Belém/PA, 2018; Projeto "Amazonian Video Art", Centre for Contemporary Arts" -Glasgow/Escócia, 2016; "Brasil: Ficciones", Espaço Tangente - Burgos/Espanha, 2016; "Film and video programme SET TO GO", Contemporary Art Centre -Vilnius/Lituânia, 2015/2016, SINNE -Helsinki/Finlândia, 2015; "Outra Natureza", Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - Lisboa/Portugal, 2015; Mostra "Brasil: Ficções", Armazém do Chá -Porto/Portugal, 2015; "Pororoca: A Amazônia no MAR", Museu de Arte do Rio -Rio de Janeiro/RJ, 2014; Exposição "Triangulações", CCBEU/PA -Belém/PA, Pinacoteca de Alagoas - Maceió/AL, MAM-BA -Salvador/BA, 2014; "Com Licença Poética", MUFPA - Belém/PA, 2014; "Deslize", Museu de Arte do Rio -Rio de Janeiro/RJ, 2013. Participou do Projeto Faxinal das Artes, 2001, PR. Publicou em 2021 o livro de poesia e prosa "Nenhum outro som no ar pra que todo mundo ouça" (Ed. da Autora 2021) e irá publicar ainda esse ano o seu segundo livro chamado "disco-poema" de poesias. www.daniellefonseca.net